



CARROSSEL FANTASMA

FABRÍCIO
VALÉRIO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Davi

Quando nasci, meu avô me mediu com um barbante. Matutou uns cálculos em retiro e anunciou: vai ser grande. Nunca falhava, assegurava ele. Em vida, não alcancei meio metro.

Prejudicado, já que a baixa estatura não me permitia o convívio entre os gigantes, arranjei-me como pude. Limpava a máquina que fazia tudo funcionar, serpenteando entre engrenagens descomuns.

Tornei-me o melhor entre os quatro do país que se aventuravam a retirar detritos dos vãos e desvãos dos mecanismos.

Segundos antes de morrer, cheguei a pensar nalguma política divina de compensação. Em plena atividade, sorri e olhei orgulhoso para minha mão exígua.

Foi então que ouvi o estrondo, seguido de um ruído agudo. A ventoinha de refrigeração ceifou primeiro minhas pernas, na altura dos joelhos, e depois o peito. Em instantes, eu era um punhado de carne moída que estorvava o bom funcionamento do motor.

Dizem que chamaram o segundo melhor limpador do país para retirar meus restos mortais de dentro da máquina.

As maritacas e o cão

O cão late de manhãzinha
porque as maritacas
latem de manhãzinha porque
late o cão.

Depois as maritacas dão
o fora ou silenciam em sons
verdes e deixam o cão latindo
aos vestígios.

Fim da tarde as maritacas voltam
à sua algazarra quando o cão
já se cansou de si.

Mas o cão não pode parar
e em danação começa
a travessia da noite.

nike

Comprei um nike,
meio de impulso.
Eu que sempre disse que jamais
compraria um nike.

Minha mãe não tirava os olhos dos meus pés.
“É com isso que você vai pro trabalho?”
Ela não gostava do estado
do meu tênis velho.

Perdi meu tênis velho.
Liguei para minha irmã.
“Deixei meu tênis aí, por acaso?”
“Não”, ela disse.

Meu filho gostava dele.
Era divertido vê-lo com os pés metidos
nuns calçados gigantes.
Ele não ligava que o meu tênis não era um nike.

Cheguei em casa e Mariana ofereceu:
“Quer que eu veja um tênis pra você?”
Acho que disse sim, não lembro.
No dia seguinte, recebi um monte de opções
por e-mail.

Na primeira compra, não era um nike.
e o tênis não serviu.
“Falei que você tinha que comprar 44.”
“Como é que eu vou saber?”
“Cara, você calça 44.”
“Desde quando?”

E eu que não queria gastar
tempo no assunto decidi:
vai esse aqui mesmo.
Era o primeiro par da nova lista, era um nike.

Azul
com aquela foice, branca, nas laterais.
Era bonito o pisante. Confortável.

Nos pés do meu irmão, vi o nike pela primeira vez.
Eu era menino
e ele um contrabandista adolescente.
A cada quinze dias,
mais ou menos,
visitava o Paraguai.

Meu pai não gostava do nike.
Não era um produto nacional.
Meu pai, um patriota.

Com inveja do meu irmão,
comprei o discurso do meu pai.

Na faculdade descobri
que havia uma gota de sangue
em cada par de tênis nike.
Eu militava (ou achava que). Sendo assim, nike não.
Na PUC quase todo mundo tinha dinheiro
para comprar nike, mais de um,
mas ninguém comprava nike.

Nike é uma deusa da mitologia grega.
Aprendi na Wikipédia. É uma mulher alada.
Personifica a vitória, a força e a velocidade.
Pode ser Nice também.
E não é foice (a foice),
mas asa o símbolo da nike.

E ando cabisbaixo desde então,
mirando os pés, olhando a foice-asa
direita, esquerda,
direita, esquerda,
direita, esquerda,
A cada passo, ela roça a minha orelha, ouço o vento.
direita, esquerda,
direita, esquerda,
direita, esquerda,

A toda

Um amigo que não via
há muito tempo
está velho, a barba por fazer,
rala, grisalha,
desce a rua da casa onde vive
a vida toda
de carrinho de rolimã.

Verde

Lento amadurecer.

Apodreço no pé.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2020.
